**AULA INAUGURAL *Quem são nossos públicos?* PPGHP/HISTÓRIA UNESPAR MARTA ROVAI 16 de abril 2024 Anfiteatro UNESPAR campus Campo Mourão[[1]](#footnote-1)**

Gente, boa noite. Vocês estão me ouvindo né? Eu vou falar de pé. [...] Coisa de professora de educação básica. Bom, gente, a primeira coisa que eu tenho de falar é [que] sempre gosto de saudar [...] docentes da educação básica. A primeira coisa que eu tenho a falar é que eu sempre [...] docentes da Educação Básica, né? Eu fui durante 27 anos professora da escola pública, da escola privada e parece que alguns professores [têm uma doença?] que esquecem que um dia estiveram lá, e eu digo com muito orgulho que faz parte do meu convívio, faz parte da minha vida, foi no chão da escola pública e privada que eu aprendi muita coisa que muito intelectual não me ensinou. Então, eu saúdo todo mundo aqui, professores e professoras da Educação Básica ... “viva vocês!”, estamos aqui por vocês né? Então, quero agradecer pelo convite da Unespar, eu estou emocionada, estou me sentindo em casa, [falo que] já cheguei cheguei aqui, quero dar aula aqui, quero ficar aqui, quero morar aqui, [já parti meu coração? risos ...] me encantei com a cidade, como uma paulista da cidade de Osasco, da grande São Paulo, sou professora nas Minas Gerais, [em Alfenas, na Unifal] então faço o que muito professor e professora faz aqui, que é ir e voltar, ter um pé em algum lugar, isso é muito bom, a gente vai conhecendo gente diferente por todo caminho e ... eu vim falar com vocês aqui um pouco sobre a minha experiência, um pouco sobre a minha pesquisa, as últimas pesquisas que venho fazendo, vocês vão ver que os slides são horríveis ..... eu não sei fazer, olha, nem sei mudar o slide ... ah, muito obrigado ... olha ... ah, [deixa], eu não sei fazer. (risos). É triste (risos). Eu sempre digo que a minha filha diz pra mim “mãe, que slides horríveis você faz” ... é o que deu para arranjar na minha geração né?

Então, ele estava até branco, dei uma caprichada, porque o que importa aqui é o que a gente vai conversar. Então fique a vontade, gente, pode me interromper, pode fazer perguntas, discordar, a ideia é uma conversa, conversar sobre esta ideia do que é a questão da História Pública, eu parabenizo a universidade, morro de inveja, inveja boa né? que a Unespar tenha criado este curso aqui, acho corajoso, acho ousado, achei muito legal, então eu parabenizo vocês por darem esta oportunidade da gente estar aqui conversando, eu venho de uma universidade muito querida, mas [onde?] historiador ainda caminha muito pouco. A gente tem algumas resistências em relação a essa temática e eu não vim aqui falar da história da História Pública, porque vocês já não aguentam mais né?, a gente imagina que todo mundo aqui já conversou alguma coisa, mas aí se quiserem voltar a esta questão da história pública, a gente volta, ... eu venho falar um pouco sobre o que eu tenho pensado dessa ideia de “público”, porque quando a gente fala de História Pública, ah, essa palavra “público” [está?] subentendida, “ah, todo mundo fala, é para o público, é com o público, é sem o público, é pelo público” .. mas o que que é este “público”? Eu acho que uma das características ou um dos elementos essenciais da História Pública está justamente em desconstruir esses conceitos que nós historiadores e historiadoras, pesquisadores e pesquisadoras, trabalhamos muitas vezes como um conceito abstrato demais, onde a gente fala de tudo, e que muitas vezes a gente não se pergunta o que é, então todo mundo fala de público, ... e eu fico assim, tá, mas quando a gente está falando de público, o que é que a gente está falando afinal de contas, é possível a gente pensar a universidade e a história pública hoje sem definir, sem compreender o que que é “público”, o que que é essa gente? é possível pensar uma memória sem a gente se perguntar “pra quem” “com quem”, “por quê”, “para quê?”. A gente está fazendo história pública, não é algo automático, acho que a gente está num momento na universidade que a gente tem de começar a se perguntar “o que que nós estamos fazendo aqui, com quem é que a gente está querendo dialogar”, né? ... eu estive na Unicamp há alguns dias, eu digo alguns anos, eu lembro que a gente estava numa mesa discutindo felicidade, porque [...?] lá na universidade se chama “felicidade, amor e amizade”, que para mim é fundamental para discutir os públicos, “o que é esse público [que está na universidade?”], “o que pensa?”, “o que sente?”, “o que deseja?” “quem é?”, e a gente não pergunta sobre isso, eu lembro que na Unicamp estávamos conversando isso, e um aluno pegou o microfone, eu vou contar várias história tá gente?, então esse aluno pegou o microfone e se dirigiu à mesa: “muito bem, estamos aqui na universidade discutindo felicidade, mas eu gostaria de saber como a universidade está pensando a felicidade de pessoas como eu, que veio da periferia, é preta, é pobre, e chega nesta universidade monstruosa, cheia de cobranças, e a gente em nenhum momento é acolhido, eu gostaria de saber que universidade é esta que está me recebendo”, aí os professores ficaram assim um tanto chocados, é ... “puxa, a gente nunca foi questionado assim”, mas é isso né? Nós estamos vivendo numa universidade em que os públicos estão nos questionando, em que os públicos estão perguntando o que que a gente está fazendo aqui

Não é mais a universidade em que eu estudei, que era uma universidade maravilhosa, mas era uma universidade em que não me cabia opinar nada, era uma universidade que me ensinava que a sociedade era feita da luta de classes, classe era uma questão bem abstrata em que cabia todo mundo, mas nessa universidade eu aprendi que não tinha negro, não tinha mulher, não tinha LGBT, eu passei pela minha universidade sem saber que estas pessoas existiam lá e reproduzia isso na escola, durante anos meu alunos e alunas, primeiro os alunos, porque a gente trata todo mundo no masculino, no masculino universal, e este masculino universal esconde todas as existências que são diferentes e a gente acha normal. Se eu chegasse aqui e dissesse “boa noite a todas”, alunos, professoras, pesquisadoras, as operárias, as revolucionárias, seu eu fizesse um discurso totalmente na linguagem dita feminina universal provavelmente muita gente aqui ia se sentir incomodada, não é? O que que é isso? Que ousadia é essa falar só no feminino? Mas quando a [a gente?] fala só no masculino, as pessoas não questionam, porque a gente aprendeu que esta universidade é universal, que a escola é universal, quando ela não é ... ela omite existências, a gente não presta atenção nestes públicos, então durante anos para mim eu não tinha alunos e alunas negras, LGBT, nem meninas sofriam assédio, não tinha alunos com deficiência física, essas pessoas todas estavam dentro de uma categoria universal que, às vezes, chama-se “ser humano”, que às vezes, se chama “homem” mesmo, e isso tudo tem a ver para mim na concepção que a gente tem de “público”. Quando a gente fala de História Pública não é só ler os textos, e ficar reproduzindo a questão da história pública, mas questionar quem é essa gente, [de quem] a gente está falando, de quem é que a gente está falando, é possível pensar o papel da gente na universidade, na escola, no museu, seja onde a gente estiver, sem pensar nestes grupos, nestas pessoas? Quem é que a gente chama de “público”?, e aí tem uma coisa que me incomoda muito, não me incomodava não, mas ultimamente tem me incomodado muito, que são estas expressões que a gente usa para falar dos públicos não é? “olha, a história é aquela ciência que cada dia mais tem de trabalhar com a massa”. “Massa?” É aquela que tem de trabalhar com os “anônimos”. “Anônimos?” É aquela que tem de trabalhar com os “dominados, os marginalizados”, que mais que a gente diz?, os de baixo, os “invisíveis”, os “de fora”, os “subalternos”, veja que a gente trabalha numa universidade que dá nome para todo mundo e coloca todo mundo no seu devido lugar ... “olha, eu vou estudar você como dominado” .. eu lembro quando eu fui trabalhar com pescadores no Maranhão, os “pescadores”, né? E eu lembro que eu fui entrevistar as marisqueiras, e as marisqueiras tinham um trabalho pesado, todo dia tira o marisco, lava o marisco, “professora, de vez em quando vem uma arraia .. você que ir com a gente?”, “não eu estou só observando”, aí ela contava a história, então “gente, me conta a história”, “aí a gente vem, sei lá, 4 horas da manhã, chega [em casa com os mariscos?], vai lavar o marisco, vai ferver o marisco, [vai colocar o marisco no saco?] e a minha cabeça tá assim “exploração”, “mais valia”, meu deus, “sofrimento” ... e aí eu faço a pergunta: “o que é que vocês pensam sobre vocês, sobre a vida?”, eu estou aguardando, como pesquisadora, uma história de sofrimento, porque nós, da História, ultimamente eu estou preocupada com este negócio, gente, nós da História queremos registrar história de gente que sofre ... não sofre, não vai fazer história, sinto muito, porque a felicidade é coisa de branco, cis, hetero, só vou ouvir você se você sofrer muito, contar uma história que sofre muito, se quiser me contar uma história dramática, vejam os livros de história, depois os nossos alunos entram em depressão, a gente não sabe por que. Entram nos livros de história são pessoas que [estão?] sofrendo, são relações de dominação ... perfeito ... mas essas pessoas não podem ser reduzidas a uma “condição de”, porque elas não são a “condição de”, então quando eu perguntei àquelas mulheres o que que são suas vidas, ao contrário do que eu esperava, elas disseram assim: “professora, isso aqui é o paraíso. Coisa mais linha é viver aqui.” E eu olhei para ela assim, acho que com uma cara de indignação, já querendo registrar e tal, e elas me falaram assim: “professora, a senhora estava esperando a gente falar que isso aqui é uma droga né professora? Uma droga é onde a senhora vive, São Paulo, tem poluição, barulho, [assalto?] ... e veja, são esses momentos que a gente para para ouvir estes públicos, para para ver, eu gosto da expressão do Rubem Alves,[[2]](#footnote-2) “olhos de ver”, olhos de ver porque a gente já tem a narrativa pronta, a gente só quer confirmar, e aí aquela pessoa me diz “estou feliz aqui” e mesmo que a gente tenha uma leitura teórica, metodológica, conceitual, da questão do sofrimento, da estrutura e da exploração, eu aprendo que essas pessoas não são essa definição, elas são muito mais do que essa definição, elas querem me contar muito mais do que eu lhes pergunto, e portanto este público “não é objeto” de estudo, este público “não é uma fonte”, nós teremos de reaprender se, de fato, queremos trabalhar com a história pública, é repensar, reescrever o próprio vocabulário, os próprios conceitos com os quais a gente tem tratado as pessoas, “ontem eu fui entrevistar uma fonte, aquela fonte” .. não!!! “aquela sujeita”, não!!! aquela pessoa .... uma vez eu entrevistei mulheres que foram torturadas na ditadura, falando aí em ditadura, e aí, não vou falar delas, mas sempre que eu falo delas, eu me emociono, obviamente, eu estava num evento em que eu chorei, e eu estava com um colega da História [que] me disse: “professora, que absurdo, você é uma historiadora e você não deve tratar sua fonte assim, a senhora não pode chorar em relação a sua fonte” .. eu disse “sim, eu não estou chorando em relação a minha fonte, eu estou chorando em relação às sujeitas, às pessoas, eu vou chorar sim”, no momento que eu tiver de analisar, no momento que eu tiver ali acompanhada da metodologia, da teoria, eu vou fazer, mas aquelas pessoas são pessoas, elas não são objetos, a Grada Kilomba[[3]](#footnote-3), [escreveu o livro] “Memórias da plantação”, diz isso, “cuidado para que a gente não outrize as pessoas”, o que é “outrizar”? É o que a universidade vem fazendo há muito tempo, chamar as pessoas de “outro” o tempo todo, “o outro”, vamos estudar “o outro”, vamos falar do “outro”, meu trabalho é sobre “o outro”, esquecendo que a gente é outro de alguém, somos todos, todas e todes outros de alguém, o tempo todo nos constituindo juntos e juntas, aquelas pessoas que a gente ouve também nos olham, também nos avaliam “que que essa pessoa está fazendo aqui?” isso não é só no trabalho de História Oral, é na elaboração de uma exposição museal, é na sala de aula quando a gente entra, aquelas pessoas todas nos olham, nos veem, nos interpretam e têm expectativas sobre nós ... então falar em História Pública é começar a repensar estas questões, porque aquele grupo a quem eu chamo de “excluído”, não necessariamente se vê como excluído ... eu tenho uma amiga que ela conta uma história bem interessante, ela trabalha com mulheres lésbicas e ela foi entrevistar, ouvir história de vida, e ela perguntou para uma das mulheres: “você [pode me contar?] sua história como mulher lésbica?” ... “não!!! Se eu sou lésbica, é uma questão minha, não é um problema seu. Se você veio discutir minha sexualidade, é uma questão íntima, eu não tenho nada para te dizer. Agora, se você veio me ouvir enquanto uma pessoa que é muito mais do que sua sexualidade, que tem uma religião, que tem um lugar onde morar, que tem um gênero, que tem uma posição política, que tem uma posição intelectual. Se você veio ouvir esta pessoa, nós vamos conversar.” Eu penso que a História Pública é resultado, de certa forma, destes questionamentos que a universidade tem ouvido cada vez mais. Cada vez mais, esses outros, outras, estão nos questionando, mas também estão nos [redimindo?]. Eu lembro de chegar numa casa de um pescador, e ele olhava, [...?], estava eu e mais quinze estudantes, e a gente na porta do pescador lá, na casa dele na Ilha das Canárias, e ele olhava para nós, e a gente chamava, “Seu Alberto, Seu Alberto”, e ele continuava mexendo nas plantas. “Seu Alberto” .. chegou uma hora [...?] “que que vocês querem? Vocês são da universidade né?”, “Sim, somos da Universidade Estadual do Piauí.” “Aposto que vocês vieram me entrevistar” ... “é Seu Alberto” ... deixou a gente lá uns vinte minutos... “Aposto que vocês vão me ouvir e vão embora e nunca mais vão voltar né? Então, eu não quero falar nada da minha vida pra vocês” ... Esse público pensa, reflete, analisa, seleciona, esse público não se submete mais à academia. A academia não salva ninguém. Esqueçam vocês, porque deram uma aula sensacional, vocês salvaram. A gente salva junto, como já dizia Paulo Freire. Eu acho que quando eu ouço as pessoas, são elas que salvam. São elas que me salvam. Então, essa visão salvacionista da universidade, ela vai se transformando porque esse público não é mais aquele público de quem a gente espera a ignorância, de quem a gente espera a alienação, de quem a gente espera a dor, não é? Eu fui trabalhar no Piauí como meninas que sobreviveram ao feminicídio ... nós fomos, eu sempre conto esta história, porque é transformador, éramos eu e uma estudante, que era policial e fazia mestrado, trabalhava como [....?] de gênero, e nós chegamos na casa desta moça, uma menina de 19 anos, essa moça era casada, morava com um rapaz, tinha um filho com ele, e ele muito ciumento, batia nela [...?], e ele chamou ela para ir ao banheiro, o banheiro é o fundo da casa, no meio do mato, e quando eles foram, ele pegou um facão enorme, e tentou decapitá-la ... e ela, na defesa, colocou [levantando os braços] as duas mãos e ele decepou as duas mãos dela, e aí quando nós chegamos na casa dela, ela tinha só um dedo numa das mãos, numa das mão ela tinha só o dedão [...?] e nós chegamos lá para ouvir a história de quem sofreu, primeiro que a gente já escolheu o nome “sobrevivente” ... as meninas travestis, nós já vamos chegar nelas, as meninas travestis com quem eu trabalho, dizem pra mim: “nós não somos sobreviventes, professora, nós somos existentes, existentes, e-xis-ten-tes, parem de nos nomear” ... e aí nós chegamos na casa desta menina sem as mãos, o que que a gente quer ouvir? Queremos ouvir a dor, queremos registar a dor. Queremos falar do feminicídio, queremos falar ... e ela no meio da história de vida dela, a aluna que estava comigo, a estudante que estava comigo, perguntou a ela, “como foi quando você acordou no hospital e viu que não tinha as mãos?”, coisa que eu jamais pergunto, e ela diz: “[ai como eu amei na hora que eu vi os meus braços?] eu pensei: “ai meu deus, eu só não tenho as mãos, eu tô aqui”. Aí, ela virou pra gente e perguntou assim: “Vocês sabem o que eu sei fazer com essas mãos? Vocês sabem o que eu sei fazer com esse dedão?” E ela com aquele dedão montou um turbante enorme no cabelo, [...?] pegou o filho, trocou a fralda do filho, e ela disse assim: “vocês vieram aqui perguntar pra mim das violências que eu sofri e em nenhum momento vocês perguntaram das coisas que eu sei fazer, eu voltei a estudar, eu entrei pro movimento feminista da Universidade Federal do Piauí, eu tô fazendo outras coisas e vocês não vieram me perguntar sobre isso, vocês vieram me perguntar sobre a violência que eu sofri, só que ... mas quanto mais vocês me perguntam sobre a violência que eu sofri, mais vocês me violentam”. Este é o público da História Pública, não é aquele público que a gente chega lá e ... “oba, vamos organizar a exposição, vamos organizar a entrevista ...” não, a gente diz, “não! este público está nos questionando, está nos colocando à prova”, ... a universidade não pode ser a mesma, não funciona mais assim, então, nós precisamos começar a pensar que estas pessoas não são “lacunas” de uma história já escrita que elas vão apenas complementar, elas são a razão, a razão, aliás nós somos a razão da universidade. Nós precisamos compreender a própria origem da universidade e aqui eu parto um pouco do Fernando Perlatto,[[4]](#footnote-4) que tem um texto em que ele discute a ideia do público, ele diz assim: “[pensemos a sociedade em que vivemos e a universidade?]” é uma universidade do século XIX, construída por uma elite burguesa branca, cis e hetero, é uma universidade de elite em que os conhecimentos estão separados, hierarquizados, hoje a gente já avançou bastante mas é uma universidade assim, em guetos ... quem trabalha gêneros? Mulheres ... [ou então se tiver aqui ....?] .. quem trabalha negros? Professores negros não é?” Ou então às vezes um professor fala assim: “ah, eu trabalho gênero. Ontem mesmo eu li um texto.” [Que, para um historiador, não, isso não é trabalhar gênero?]. Aliás, eu sempre pergunto para os estudantes [...?]. Começo a aula falando assim: “qual é a historiadora que vocês leram? Diga um nome ... e eles ficam ah, a Michele Perrot[[5]](#footnote-5). Muito bem, temos uma [mulher branca?] parabéns. “Vamos agora para uma intelectual, não precisa nem ser da História ... uma intelectual ... latino-americana ... vou perguntar aqui, vou fazer esse exercício aqui: quem já leu uma intelectual latino-americana? [dirigindo-se à plateia] vamos ver se vocês são melhores que os alunos lá da [Unicamp?]: quem já leu uma intelectual latino-americana? Que não seja brasileira, em sala de aula tá? Uma intelectual, uma historiadora brasileira negra? (silêncio) [alguém diz: Lélia Gonzalez[[6]](#footnote-6) .... ?] uma intelectual indígena? [silêncio], uma intelectual travesti? [alguém na plateia diz ... só cita] “está vendo, isso se transforma num gueto [...?] A história já está dada, “para que eu quero saber que existiu uma intelectual travesti chamada Xica Manicongo[[7]](#footnote-7), que foi levada escravizada pra colonização e que foi levada para a Inquisição, e que foi julgada ...” ... “Ah, travesti na Colônia? Faz favor...Que anacronismo é este?” E as travestis responderão, “o anacronismo é fundamental para que a gente consiga visibilizar as existências”. Se ali não havia nomeação, a nomeação é agora, mas a nomeação faz ver ... a nomeação não [para?], a nomeação [é escuro?], mas a nomeação faz ver. Entendem como a História Pública passa por uma revisão das histórias que a gente teria contado sobre as pessoas e nomeado as pessoas? Nós temos que questionar a historicidade que ainda mantém o currículo, tô falando geral tá? [Não sei quanto cada universidade tá ali né?], currículos seletivos baseados em cistemas, sistema está ali com “c” [referindo-se ao slide] porque é uma nomeação das intelectuais travestis [Viviane Vergueiro?][[8]](#footnote-8), [Indira Nascimento?][[9]](#footnote-9), [Rapper Nayara?][[10]](#footnote-10) ... que vão dizer que a gente vive sob um “cis – tema”, vivemos sob uma estrutura em que a cis heteronormatividade predomina, nós temos um paradigma que organiza a universidade, as aulas que ainda trabalham com uma epistemologia europeia ... não se trata aqui de negar nenhum autor, autora europeu né? De jeito nenhum ... não significa abandonar ninguém, significa alargar, então [nós, voltando aqui?] para o Ricardo e o Frank [professores da Unespar][[11]](#footnote-11), que, eu estava esses dias com uma..., não era eu que estava apresentando, mas uma outra pessoa, e ela discutia a seguinte ideia: “Nossa, a universidade começou a discutir essa coisa identitária, negros, LGBT, feminismo, acabaram com a universidade, porque agora ninguém discute classe, é tudo fragmentado, por isso que a gente não vai pra frente, a Extrema Direita não tem essa coisa de dividir, estão sempre unidos” e aí eu disse a ela “bom, quando é que a Extrema-Direita se dividiu? Extrema-Direita se importa com negros, LGBTs, mulheres? [Não há razão nenhuma?] para a fragmentação da Extrema-Direita ... o desafio do alargamento da classe não é a fragmentação, é o alargamento da classe, uma classe que tem raça, que tem gênero, que tem sexualidade, que tem religiosidade, que tem posição política, a gente alarga o desafio não é?” Eu entrevistei uma operária negra que, num determinado momento de nossa conversa, falou: “professora, deixa eu falar uma coisa pra senhora: até agora a senhora está falando de luta *de* classes né professora?, [é o movimento grevista?] em nenhum momento eu ouvi a senhora falar de luta *na* classe, eu sou negra, sou mulher e a senhora não falou de luta *na* classe até agora” ... então veja, são coisas que quando a gente pensa este público como público pensante, um público que também analisa, que também argumenta, a gente começa a se sentir afetado, para mim fazer História Pública é deixar-se afetar pelas pessoas, mas deixar-se afetar significa que a gente adota uma postura menos arrogante, eu chamo até de uma postura de “humildade”, porque escutar a outra, ao outro, é um exercício enorme de humildade, mas nós fomos formados por uma universidade arrogante né? Uma universidade que separava o mundo binariamente ... o Fernando Perlatto fala isso, uma universidade que trabalha o arcaico e o moderno, a emoção e a razão, o homem e a mulher, a natureza e a cultura, uma universidade que cindiu o mundo, e ao cindir o mundo, nos fragmentou também, e que a gente precisa discutir essa modernização seletiva, peço licença para repetir o texto do Perlatto, ele diz assim: “A construção de uma sociedade altamente excludente como a brasileira, marcada por altos índices de analfabetismo e pelo desprezo frente ao trabalho manual, tido como ‘coisa de escravo’ desde a Independência, permitiu a edificação da noção de que apenas alguns seletos seriam aptos a operar na esfera pública, organizando o debate público e instituindo o campo semântico em que ele se deu, selecionando temas e constituindo interlocutores legítimos”. Ou seja: ele está questionando uma universidade que fala da esfera pública, [numa dimensão...?], mas uma dimensão pública seletiva: quem pode estar no espaço público da universidade? Quem pode fazer um debate na universidade? Que público é esse que a gente está nomeando? Essa forma de modernização marcada por este afastamento, pela cisão, pelo dualismo, quando não da exclusão da maioria da população dos espaços da discussão pública e da deliberação, conduziu à conformação de uma esfera pública [no Brasil] seletiva, a partir da qual setores dominantes formularam ideias e percepções que decantaram com enorme força para toda sociedade (Perlatto, p.18)”. E esse decantamento gerou em nós cada vez mais uma sociedade solitária, [invisibilizada?] socialmente ... eu não gosto do termo “invisível”, fulano é invisível, invisível grupo, não, todo mundo é visível, só que algumas pessoas são visíveis perversamente, são visíveis para a necropolítica, são visíveis para a exclusão, são visíveis para morte, nosso papel na história pública é transformar essa visibilidade, é como falar de Xica Manicongo como uma escravizada, mas aí o Movimento Travesti “toma” a palavra, “toma” a história e recria a palavra “travesti” como sinal de potência, de força, de quem tem a História, de quem tá no mundo, então retomar a história, este vocabulário, este espaço que sai das pessoas, o [Acchile Mbembe?][[12]](#footnote-12) vai falar “este mundo das mortes” ... nossa universidade durante muito tempo achou que a gente estava transformando o mundo, mas durante muito tempo trabalhou dentro desta leitura de descarte, da desumanização, dos grupos vulneráveis, dos grupos precarizados em que a política de morte foi então potencializada pela pandemia, pelas [...?] do estigma, estimulando uma historiografia que enaltece a vitória e esquece o fracasso... por que estou dizendo isso? Porque ou você me dá a dor ou você me dá a vitória, se você [é um cruel?] fracasso, eu também não conto a sua história. Essa é uma crítica da Rita Colaço[[13]](#footnote-13) a uma historiografia que só valoriza, por exemplo, uma história LGTQIA+ a partir do marco da década de 1960, dos grupos LGBT que venceram, vamos dizer assim, que formaram grupos, que formaram coletivos e a Rita Colaço diz assim: “opa. Cuidado! Há grupos que lutaram por toda história e estes grupo que fracassaram [fazendo com a mão entre aspas], que perderam, eles também têm história, eles também precisam ser lembrados ...” falar de História Pública é alargar este grupo gente!, alargar de um jeito que a gente se sinta deslocado, que a gente se sinta incomodado, que a gente saia deste conforto, que este olhar aprenda a olhar, que este ouvido aprenda a escutar, é o que eu chamo de “escuta sensível” ... a escuta sensível é um processo muitas vezes doloroso para muitos e muitas de nós, porque requer que a gente saia deste lugar do dualismo, deste lugar de certo conforto e a gente pense neste público a partir da experiência deste público ... não se colocando no lugar, eu não acredito nesta história do “eu vou me colocar no lugar do outro pra fazer História Pública”, a gente jamais se coloca no lugar do outro ou da outra, cada um de nós, cada uma de nós ... é alteridade, é diferença. Quando nós nos aproximamos, e aqui eu estou falando, vocês já entenderam que estou falando de uma história pública comprometida, construída, eu não vou falar da história pública digital, também vocês até já viram que nem é minha [vida?], então nem vou me [...?] minha área, gente, é [....?] então, essa ideia de nos organizarmos, estarmos com os grupos, com as comunidades, com a escola, com os nossos e nossas alunas requer que a gente faça esse movimento de visibilizar a experiência, mas não entrar no lugar do outro, “ah, se eu estivesse no lugar dele, dela, eu faria isso”, não, mas se você está no lugar dela, já não é ela, já é você, você não tem de entrar no lugar de ninguém, “faça ao outro o que você gostaria que fizesse a si mesmo” .. não! Faça com o outro o que ele gostaria que você fizesse a ele, você não é modelo. É esse deslocamento que a gente precisa de fazer para tornar a história pública, a gente não é o modelo, a gente tem de fazer este esforço de compreender a experiência daquela pessoa, que nunca será a nossa, mas a história pública tem este trabalho, esta mediação, de que a gente se movimente em direção àqueles e àquelas que a gente [tá imaginando?]... a história pública, dentro da universidade e fora dela, tem se posicionado neste sentido ... como é que a gente vai trabalhar, vai registrar, vai publicizar, vai colocar sob debate essas existências que não são as nossas. Como é que a gente vai dar voz? Não! dar voz a ninguém. “Dar voz” para mim é a expressão mais horrível da academia. Não, a voz pertence a quem fala, a quem generosamente diz “ok. Vou dizer a você, vou me narrar pra você, vou dialogar com você.” O que nós damos é a escuta. É a mediação, a amplifi [sic], as tecnologias, sejam elas digitais ou não, a amplificação das vozes né? Quando eu converso com as meninas travestis, eu lembro que as primeiras conversas, elas falavam assim: “eu não quero saber se vocês chamam a gente de ‘trans’, ‘travestis’, isso é coisa da academia. A gente quer saber o que a academia vai fazer em relação aos nossos direitos. Vocês são os caras da universidade. Vocês são os caras da política pública”. Uma delas me disse assim: “ [... ?] Eu não estou aqui para discutir teoria”. Porque aquela pessoa que se diz, não quer ser analisada por nós. Ela quer ser ouvida por nós. A gente é que quer analisar não é? Mas aquela pessoa que tá no seu cantinho, na sua casa, e a gente chegou uma vez ... “Moça, vamos fazer aqui uma conversa, uma roda de conversa, uma entrevista, vamos fazer aqui uma exposição, vamos fazer aqui um trabalho ...” essa pessoa, tá passando um monte de coisa na cabeça dela ... e ela tá [...?] “que que esse povo tá fazendo aqui?” ... como é que eu vou usar esta pessoa politicamente? Como essa pessoa vai me colocar em diálogo com o mundo? Então, não é mais aquela pessoa ... bem vou tirar isso aqui [se referindo ao slide], eu falo demais né gente? Por favor [se dirigindo à mesa organizadora] marca meu tempo e diz para mim “Basta”. Eu vou pular toda essa parte aqui [se referindo aos slides] Então... quantos minutos? [se dirigindo à mesa] ... Então, assim, é.. a gente está falando deste mundo que o Perlatto e a Nancy Fraser[[14]](#footnote-14) vão dizer assim: “Essa esfera pública [...?], fragmentada, privada, ela está se transformando por esses grupos que estão ocupando estes espaços, individual ou coletivamente”, e que a Nancy Fraser e o Fernando Perlatto chamam de uma “esfera pública subalternizada”, não “subalterna”, eu não gosto da expressão “subalterna”, eu não gosto de nada que nos encerra numa condição ... “é subalterno ou subversão” [alguém da plateia interpela] .. Isso, porque quando você chama “subalterno”, puxa, a gente [que pôs ... no mundo?] “você é dominada!” ... “não eu sou uma mulher subalternizada”, as pessoas foram escravizadas, o que dá uma outra concepção de história que é uma concepção de movimento, de resistência, de luta ...eu estou numa situação e não numa condição de .. subalternizados e subalternizadas também criam suas esferas públicas, não é?, esferas públicas que questionam as esferas públicas privadas e elitistas, que tanto o Perlatto quanto a Fraser vão falar ... “os grupos que a gente chama de invisibilizados, também formulam discursos, também participam de diferentes lugares de debates públicos, que não necessariamente a esfera pública da elite, e esses espaços públicos que são construídos, são espaços em que essas pessoas e grupos são capazes de criarem novas interpretações, são capazes de [demandar?] memórias, de defender identidades, são capazes de nos desconstruir também, porque, como diz a Hanna Arendt, a Arendt tem uma definição para público, ela diz “‘ser público é ser visto, ser público é estar no mundo’” ... e, portanto, participar do espaço público é ser visto, é ser recebido, ou não é verdade?, a gente trabalha com História Pública, não podemos esquecer disso. Nossos públicos querem ser vistos. Vou pular isso aqui também, pra não tomar muito tempo né? [Se referindo aos slides]. Mas o Perlatto e a Nancy Fraser vão dizer o seguinte: “Quando estes grupos ocupam espaços, a hegemonia começa a ser desconstruída, questionada, e ela tem o tempo todo de se refazer, o tempo todo se justificar, mas cada vez mais perdendo espaço, porque as pessoas que a gente chama de ‘público’ estão em direção ao centro, estão saindo das margens que nós os colocamos” e elas estão ocupando cada vez mais o centro, e quando elas ocupam o centro elas incomodam, e a História Pública é um grande [cômodo?] quando a gente resolve se aliar a essas pessoas, e fazer trabalhos que incomodam essa estrutura. Fazer História Pública é fazer este exercício em que a gente se posiciona em relação à população subalternizada e diz: “ok, a universidade, a escola, o museu, os arquivos não são espaços de neutralidade, e nós vamos adentrá-los para transformá-los e a gente assume um papel político de transformar, de realizar ações de inclusões”. A Hanna Arendt[[15]](#footnote-15) chama isso de “amizade pública”. Eu gosto desta expressão. Como a gente se move para construir um processo de amizade pública. E o que ela chama de “amizade pública?”. Toda ação que reconhece que todas as pessoas devem estar no mundo porque o mundo é delas, mas elas também são do mundo. O mundo é o espaço de todo mundo. Então, a amizade não é este lugar do íntimo, do favor, ela é muito mais ampla. A amizade é o espaço onde todo mundo se reconhece no mundo. [...?] a gente se reconhece todo mundo no mundo. E aí a gente ficou deslocado por esses públicos. Vou dar vários exemplos aqui. Já falei das marisqueiras, mas quando eu trabalhei com as meninas trans travestis, elas também me faziam algumas colocações assim ... “professora, você está aqui para ouvir a gente, vai dizer que vai registar a história da gente, vai dizer que vai incluir a gente na história?”, e uma delas falou assim pra mim: “Olha, eu quero dizer pra você, para vocês – porque na verdade [não era uma?], que não são vocês que decidem quando é que eu entro na história, sou eu quem decide se eu quero entrar, sou eu quem decide se eu quero estar na mesma história que você, não forcem a mim entrar na história, pergunte se eu quero entrar na história de vocês” ... eu adoro, adoro, porque a gente desmonta de um jeito, volta pra casa cabisbaixa, porque a gente descobre que a gente é construção tal qual aquelas pessoas ... vou falar no outro, [...?], vou falar no travesti, e a gente se esquece de falar na gente, do quanto a gente é construção, do quanto a gente contribui no nosso discurso na academia pra gente fortalecer, com a maior boa intenção, “de boa intenção, o inferno tá cheio” ... essa boa intenção que muitas vezes segrega, então, uma outra me diz assim: “professora, pera lá, não são vocês que dizem quem eu sou, sou eu quem digo pra você quem eu sou. Você já me perguntou como eu me penso?” porque nas nossas pesquisas, nas nossas entrevistas, nas nossas exposições, a gente já definiu todo mundo. Já [...?] todo mundo. E elas o tempo todo diziam isso. “Calma professora”, e eu achei ótimo porque eu aprendi demais, demais sobre mim ... e uma outra, ali, nas questões acadêmicas [Se referindo ao slide], nós tivemos uma experiência em Belo Horizonte, numa casa de acolhimento de mulheres que sofriam violência, fomos fazer um evento com a UFMG [Universidade Federal de Minas Gerais] lá dentro desta casa de acolhimento. Entramos, fomos todas lá, sentamos todos no chão, parecia uma aventura, “estamos numa casa, de mulheres que sofrem violência, oh deus, a gente vai às vezes, nossa! Vou ouvir uma história” ... e aí, quando estava todo mundo sentado, uma menina de 21 anos, que era, no momento, a coordenadora da casa, ela disse: “nossa, agradeço imensamente a presença da universidade, todos doutores, mestres, eu quero dizer uma coisa pra vocês antes da gente começar: se vocês vieram até aqui para ouvir nossas histórias, nossas histórias de dor, pra voltar pra a universidade pra fazer dissertação de mestrado e tese de doutorado, podem ir embora. Nós não precisamos de vocês aqui”. É este o público que a gente está começando a aprender a ouvir. É a isto que eu chamo de “escuta sensível”. O que é escuta sensível? É aquela que te rasga. Que te rasga, dói. Deixa entrar vida em você, deixa a voz do outro te transformar, deixa a raiva do outro te transformar ... como diz [...?] a raiva não é o ódio, a raiva é a indignação contra a injustiça, é um direito ter raiva. A raiva é um instrumento contra o ódio. Trabalhar história pública é estar aberto a todas estas histórias que muitas e muitas vezes nos tratam com raiva, porque questionam a universidade, nós conhecemos isso nos últimos anos, as pessoas nos questionando para que a gente servia. Então, eu vou pular isso aqui [se referindo ao slide]. Então, não é mais um público infantilizado, não é mais um público outrizado, não é mais um público vitimizado. Chamar alguém de vítima, tratá-la assim, é condená-la a ser vítima. Vítima é quem morreu [...?], a vítima não pode voltar pra contar. Quem tá vivo não é vítima não. Quem tá vivo, tá aí, ele quer contar, e esquecer, se quiser esquecer também, não somos nós quem decidimos o que deve ser lembrado, o que deve ser esquecido, não é a academia que deve fazer isso. Esquecer também é [olhar?] o mundo, é um direito. Fazer história pública, com história oral ou não, tem o desafio de lidar com as pessoas que não são mais os objetos, nem fontes, nem atores, palavras que incomodam ... as pessoas são sujeitas da sua história, são agentes da sua história, e que obviamente se fortalecem na relação umas com as outras, ninguém está falando aqui de individualismo, ninguém tem potência sozinho, potência é um processo coletivo, uns aos outros, e daí pensar nesse vocabulário, sou “informante”, [ora...] por favor, informante?, eu não sou nada informante, a pessoa está abrindo a vida, ... “fui lá e fiz uma coleta” .. co-le-ta?, você saiu coletando entrevistas?, você não coleta entrevistas, você ouve histórias, narrativas ... olha como a gente precisa repensar todo nosso vocabulário [...?], “vou lá discutir com mulheres que sofrem violência no bairro x, para levar consciência”. Você vai levar consciência no bolso, na sua mochila, você vai ensinar consciência de gênero para um grupo de mulheres que sofrem violência de gênero? [...?] nós temos que começar a nos transformar gente. Essas pessoas não querem [a gente?] lá pra gente ensinar o que é consciência de gênero! Eu não estou lá na comunidade LGBTQIA+ pra ensinar a pessoa o que é ser LGBTQIA+. Eu estou lá pra aprender, não é? Então, nós somos julgados, analisados, aceitos, rechaçados, temos que pensar que linguagem a gente vai usar para ser compreendido, como essas pessoas pensam ... Trabalhar com história pública significa que a gente pode ir embora a qualquer momento, significa que basta fazer um livro, se a gente está trabalhando com gente é possível ir embora a qualquer momento “deu, minha pesquisa por hoje. Tchau”. Como que é isso? Como a gente tem pensado estas pessoas? Então, nós temos que ter uma posição de diálogo o tempo todo, numa participação que não é apenas de registro, mas de ações, de amor público, como diz Bell Hooks[[16]](#footnote-16).... amor público é um posicionamento político poderosíssimo, porque é um amor pelo mundo, não é o amor sentimento, como ela diz, é uma atitude diante do mundo, de enfrentamento, e que nos coloca nesse processo que a gente tanto fala em História Pública de “autoridade compartilhada”, eu ouvi de muita gente falar de muitas formas de autoridade compartilhada, a gente tem de ser muito cuidadoso ao falar desse termo, às vezes, a pessoa fez uma entrevista e fez “autoridade compartilhada”? Não! A ideia de autoridade compartilhada é uma espécie de reconhecimento da história, da experiência que se diz, em que há uma relação de disputa de poder, é uma relação conflituosa, é uma relação muitas vezes hierárquica, não romantize a autoridade compartilhada, não... compartilhar autoridade é compartilhar saberes, expectativas e, às vezes, não é, não é legal ... ontem mesmo eu cheguei no hotel, estou no momento escrevendo um livro com mais doze estudantes, e com mais a comunidade LGBTQIA + de Alfenas, e ontem à noite, o coordenador lá do movimento escreveu pra mim... “olha, você escreveu o livro de tal jeito, assim, assim, assim e eu não gostei. Eu quero que vocês falem [sobre homem e mulher?]” ... aí eu pensei assim, “eu também não gostei do que você tá falando” e eu respondi pra ele e falei “eu também não gostei do jeito que você tá me tratando”, por que o que está ali gente? [dirigindo-se à plateia] Duas autoridades compartilhadas na discordância. Porque fazer história pública é também enfrentar a discordância. A História Pública não foge aos conflitos. Não imaginemos que porque trabalhamos com história pública, todo mundo é harmonioso, vai ser uma história linda ... não, vai ser [integral?]. Nós trabalhamos, eu gosto do termo, eu sei que pouco se usa, mas eu gosto muito do termo do José Carlos Sebe Bom Meihy[[17]](#footnote-17), eu acho, falei isso hoje, uma injustiça, inclusive o Meihy foi meu orientador, acho uma injustiça que não se atribua ao Meihy o sentido da colaboração, que pra mim antecede a ideia da autoridade compartilhada. Meihy dizia: “nas pesquisas, todos estamos num processo de co-laboração” [sic], ação de trabalho coletivo em que todo mundo se ouve em conflito, de mediação”. Mas aí o que que a gente faz? a gente pega o Michael Frisch[[18]](#footnote-18) que é estadunidense e diz lá, “olha, o Michael Frisch inventou um conceito sensacional”, é sensacional o que ele disse, a última vez que ele esteve aqui foi 2018, ele veio na USP Leste, eu sentei do lado dele na mesa, fiquei emocionada, falei “meu deus, estou ao lado do Michael Frisch,” estou do lado do Michael Frisch, vou tirar uma foto, mas eu não sei falar inglês, “como eu vou falar com o Michael Frisch?”, pedi ajuda da Juniele [Rabelo], “Juniele, faça aqui uma junção” entre mim, [pra eu tirar uma foto com Michael Frisch], tirei uma foto ao lado dele, quando a foto saiu gente, tinha uma luz no auditório saiu uma tarja enorme na nossa cara [risos na plateia], então é isso, a gente precisa reconhecer, também, quantos e quantos trabalhos no Brasil trabalham com o conceito, eu também não trabalhava com “autoridade compartilhada”, [a gente começa a falar porque muita gente começa a trabalhar com isso né?] ... pra mim colaboração já estava muito bom, a gente trabalha com essa ideia de que todo mundo está ali com sua diferença, colaborando e colaborando, não tem nada a ver com estar todo mundo de acordo, é cada um colaborando com seus saberes, suas angústias, então, entender que cada vez mais a gente vai dialogar com estes sujeitos e sujeitas, que estão cada vez mais demandando políticas de memória – e vou pular tudo isso senão vocês não aguentam mais [se referindo a slides] – e vou falar da minha pesquisa – juro que eu vou tentar falar rápido. Uma pesquisa que eu tenho feito lá em Alfenas, na Universidade Federal de Alfenas, uma cidade de oitenta mil habitantes, eu cheguei lá, sou paulista, cheguei naquela cidade, comecei a observar o seguinte: “olha como os meninos andam tudo de mão dada na rua, dando beijo, a população conservadoríssima né?” oitenta por cento da população votou no Bolsonaro, desculpa aí em quem votou, mas votou no Bolsonaro, aí as pessoas ficavam [sem saber?], “meu deus, que cidade é essa que tem essa tolerância, tolerância mesmo, aí entrei na universidade [...?] aí diz o IBGE que no Brasil tem 2 milhões de LGBTs, aí eu falei “gente, tá tudo aqui nessa universidade!” [risos] [...?] [Aí eu fiquei impressionada?], a moçada vem de cidade ali ... de Minas Gerais né? [mil?] habitantes, cinco mil habitantes, da roça, uma cidade que foi escravista, extremamente católica e daí chega na universidade, [tá todo mundo?] se agarrando e beijando, “como é isso né?”, aí eu pensei “eu tenho que ouvir esse povo”, eu tô querendo ouvir o que a universidade impacta na vida dessas pessoas, que encorajamento, que sociabilidade é essa?, aí eu comecei a ouvir alguns estudantes, e aí veio o Movimento LGBT da cidade, me procura e diz: “professora, você tem de escrever a nossa história professora, porque a cidade fez 150 anos e não houve alguma menção ao grupo LGBT da cidade, que existe desde 2000 e que produz a segunda maior parada de Minas Gerais, só perdendo para BH [Belo Horizonte]. Uma linha só sobre nós professora. Tem de escrever o livro professora”. E aí desde 2017 a gente escreveu o livro, [com apoio parlamentar?], tô lá conversando, e aparece a Val [Slide da Val], aí a Val diz para mim: “Ah professora, vocês estão fazendo a história do movimento LGBT masculino né professora? Homens né professora? Em que momento você vai ouvir as travestis? Este movimento que a senhora está escrevendo, não nos [representa?]”. Isso é história pública. [Eu pensei assim. Sinto muito?] eu vou fazer minha pesquisa, mando para ela, eu faço o que eu quiser ... não é que a gente se torna subordinado ao interesse das comunidades, mas a gente começa a perceber que não é o suficiente, e aí a Val, eu vou apresentar [passa um slide com a fotografia da Val], porque toda vez que eu falo sobre elas eu não falo sobre elas, eu falo a partir delas, eu não falo a [a voz delas?], mas a voz delas que me atravessa, [...?], Val [no slide], uma agente da saúde, [passando slides] Ana Luisa, uma estudante de Medicina,[[19]](#footnote-19) Thais, uma menina que trabalhou no trabalho sexual, hoje mora na Alemanha, casada com um professor de Filosofia, [Kely?], uma trabalhadora do sexo, eu chegava na minha casa, quando eu estava indo para a universidade, ela estava chegando do trabalho, ela pegava a cadeirinha na frente da minha calçada, sentava com a mãe dela, ela e Romara [outro slide], as duas mães com elas e as duas mães, conversando a manhã toda em frente a minha calçada, e eu pensava assim: “nossa, que [...?] vão contar história pra nós”, como é isso numa cidade do interior?” e aí um dia elas chegaram até mim e vieram contar as suas histórias, Dani [outro slide], uma cabeleireira [de fora?], Nina, uma advogada negra [outro slide], ela que disse para mim que a mulher entrava [...?] se ela quisesse, uma pessoa poderosíssima, [...?], Letícia [outro slide], também trabalhando fora do sexo, hoje está casada com [...?] na França, Gisela [outro slide], uma militante de Belo Horizonte, hoje ela é secretária de uma pasta lá em Minas Gerais de uma dessas questões LGBT, ou seja, estas pessoas são as pessoas que mais me deram entrevistas, me mobilizaram a organizar a universidade, transformar a universidade, elas vêm dar aula comigo, às vezes, ela entram em sala de aula, fazem entrevistas públicas, [disso eu tenho um palco aqui?], a gente traz elas pro palco e elas fazem entrevista pública, quem quiser que escute, elas ficam ali falando suas histórias, desses encontros, eu não vou entrar em detalhes, surgiram trabalhos de extensão na Saúde, muitos encontros e aí a grande questão que eu digo, que eu me perguntava era: “será que se eu só escrever um livro tá bom?. É isso? Um livro?” [Como eu vou escrever este livro? o que ele vai dizer? ... ?] [e aí a pandemia que parece judia da gente?], aquela muvuca. E aí eu perguntei: “gente, por que eu vou escrever? Vocês concordam que eu, uma mulher cisgênero, escreva o livro, né?” ... “professora, somos aliadas. Somos aliadas, a gente [quer mais uma lembrança] você não é uma travesti, mas você está com a gente” Sempre que eu venho eu falo pra elas. “gente, fui lá. Fui lá na Unespar.” Elas dizem. “leva a voz professora, leva a voz, professora, até onde a senhora puder. Nós [não frequentamos a universidade?]”. Então, a gente começou a negociar: “como vocês querem o livro?” . Tá, queremos colocar poesia professora. Bora colocar poesia [letras?] das meninas travestis. “A quem vocês querem dedicar o livro?” “Queremos dedicar o livro a todas aquelas que não chegaram até onde a gente chegou. Queremos dedicar a todas aquelas que não sobreviveram. E queremos dedicar aquelas que quando morreram, na lápide escreveram o nome masculino e nunca mais elas foram lembradas, porque o nome masculino matou elas de novo”. E aí eu pensava assim: “Quem vai apresentar o livro?” [Tá, posso dar uma apresentação coletiva?] “Tá, mas espera aí. [E outras travestis?] Como ficam? [...?] Também mora lá, eu vou fazer uma apresentação, [...?] você vai fazer outra”. “E as considerações finais? Vocês vão fazer suas considerações finais, vocês vão se dirigir ao público, por que vocês querem público para este livro? O que significa pra mim não significa pra vocês. Vocês vão se dirigir ao público, por que vocês querem público para esse livro?”, [a professora passa um slide com a fotografia da capa do livro], o livro tem a narrativa delas inteira, eu não recortei, a ideia era preservar esta narrativa, não acreditam que faz transcriação, elas não acreditam que o código escrito seja fiel à [...?], é uma tradução [das mesmas?], elas leram, concordaram, e aí a gente fez este livro, eu também fiz a minha homenagem a uma travesti quando eu estava com alunos da Educação Básica em São Paulo, quando eu estava no [centro de São Paulo, nos últimos anos?], e aí uma travesti me chamou ... : “você de [cabelo vermelho?]. você de [cabelo vermelho?]”. Eu olhei e ela disse: “duvido que você vai me dar um abraço”. [Eu vou. E dei um abraço?] Aí ela falou: “duvido que você vai me dar um beijo”. Eu falei: “eu vou dar também”. Aí ela falou: “eu só queria ver você fazer isso sabe por quê? Porque você tem cabelo vermelho [igual ao meu. Só que você não viu?]. E aí, aquele negócio, “nossa diferença tem algo em comum.” Porque o mundo em que a gente vive, como diz a Arendt, é um mundo em comum, a gente perdeu esta noção do mundo em comum. Na minha história pública, recupero esse mundo em comum, apesar das diferenças, [graças às diferenças!?], [viva as diferenças!] [falando alto, evocando], a história pública seja essa forma que a gente, talvez, tenha encontrado entre muitas, obviamente [querem salvadora?], mas é um caminho que a gente recupera nosso lugar de estar no mundo. Por isso eu criei na universidade este projeto, que chama projeto AMHOR (Acerto de Memória e História do Orgulho LGBTQIA + do Sul de Minas] este projeto a gente tem, esta é a minha teoria, é um projeto que a gente tem feito levantamento de documentos, a população LGTTQ já digitalizou muitas coisas, vai construir um acervo público, a partir deste acervo público, a gente vai construir um corpo docente das escolas públicas, propostas de ensino, é uma forma que a gente encontrou da pesquisa, para a Extensão, para o Ensino não é?, e este projeto AMHOR a gente já fez uma exposição no Museu com as questões LGBTQ, [com o resto da exposição sobre a universidade?], então é esta ideia de História Pública enquanto movimento, a gente começa a movimentar todo mundo, todo mundo, e eu vou parar por aqui porque tem muita coisa, então essa ideia de que a gente se deixe rasgar, se deixe incomodar, se deixe deslocar, vai doer, a gente vai descobrir às vezes que a gente é uma porcaria, que a gente contribui com uma sociedade injusta pra caramba, mas é possível que a gente diga: “Não é este o caminho. Eu quero construir outro e para construir outro eu vou nas confluências, eu vou nos encontros, eu vou nestes territórios em que a gente rompe com a margens, em que a gente se reconstrói”. História Pública é isso, para além dos conceitos todos ... que [...?], a história pública é amor público. Eu acho que a gente está num caminho muito bom. Sempre que estou sozinha, eu pergunto: “ai, que droguinha de vida”. Aí eu penso assim: “aí eu penso assim, ai gente, mas tem gente se movimentando por todo lado, a gente não está [só?], tem gente se movimentando pra tudo quanto é lado, mexendo nessa esfera privada [Apontando para o slide], [o nome já diz?] a gente está se movimentando, gente, e a gente está se movimentando tanto que tem gente muito incomodada, se hoje vivemos um momento histórico, todo momento é histórico obviamente, mas este é um momento em especial em que os reacionarismos reagem [...?] porque nós estamos avançando, ninguém reage contra mim, [só é preciso reagir quando tem alguém resistindo do outro lado?], então, como diz Bertold Brecht num poema chamado “Os Medos do Regime”. B Brecht dizia assim: “dominado tem muito [medo?], mas o dominador tem muito mais, o dominador tem tanto mais que ele censura, exclui e mata, mas o dominador não se livra do dominado. [Então viva o medo!?]. Viva o medo que a gente gera no dominador” Obrigada gente.

1. Este texto é a transcrição da conferência da professora Marta Rovai, docente da Universidade Federal de Alfenas (Unifal), na aula inaugural do *Programa de Pós-Graduação em História Pública {PPGHP),* da Universidade Estadual do Paraná, a Unespar, em 16 de abril de 2024. O vídeo todo do qual este texto foi transcrito é de 2 horas, 44 minutos e 18 segundos, mas aqui estão transcritas apenas 1 hora, 26 minutos e 34 segundos, o tempo da apresentação da professora, uma solicitação da própria professora, que autorizou transcrição apenas de sua palestra, sem as perguntas da plateia depois. Os outros minutos então são as palavras de praxe de encerramento destes momentos de conferência, com falas protocolares e perguntas dos ouvintes. Este texto foi passado para a professora, que o acrescentou, o modificou, rejeitou o que quis, depois de reler a transcrição. E assim foi feito. Foram usadas, para a edição, as seguintes marcas editoriais: reticências simples ... : quando a conferencista estava reticente, fazendo pausas; colchetes com reticências [....]: fala inaudível; colchetes com palavras e acento de interrogação [o quê?]: provável fala da conferencista, palavras entre colchetes [o que]: acréscimo da edição, a fim de deixar a fala mais clara; ......... além de termos optado por acrescentar rodapés quando necessários para a identificação de nomes de pessoas e lugares e a palavra “risos”, “silêncio” quando foi o caso de se referir à reação da plateia, e referir-se à passagem de slides na apresentação. [↑](#footnote-ref-1)
2. Rubem Azevedo Alves, Rubem Alves, foi um psicanalista, educador, teólogo, escritor e pastor presbiteriano brasileiro. Foi autor de livros religiosos, educacionais, existenciais e infantis. Faleceu em 2014. [↑](#footnote-ref-2)
3. Grada Kilomba é uma escritora negra, psicóloga, teórica e artista interdisciplinar portuguesa reconhecida pelo seu trabalho que tem como foco o exame da memória, trauma, género, racismo e pós-colonialismo e está traduzida em várias línguas, publicada e encenada internacionalmente. Nascida em 1968. [↑](#footnote-ref-3)
4. Professor adjunto do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutor em Sociologia, Pesquisador do Laboratório de História Política e Social (LAHPS-UFJF) e Pesquisador associado do Laboratório de História do Tempo Presente (LHTP-UFMG). É vinculado às redes de pesquisa Rede Internacional de Estudos dos Fascismos, Autoritarismos, Totalitarismos e Transições para a Democracia (REFAT), Direitas, História e Memória e Rede Brasileira de Pesquisadores de Sítios de Memória e Consciência (REBRAPESC). Foi Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFJF e Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Foi Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História da UFJF entre 2018 e 2020. Tem experiência nas áreas de História, Sociologia e Ciência Política, atuando principalmente nas seguintes temáticas: Brasil no tempo presente, democracia, cultura e política, memória cultural, usos públicos do passado, teoria crítica, esfera pública. A professora Marta Rovai pode estar se referindo ao livro de Fernando Perlatto *Esferas públicas no Brasil: teoria social, públicos subalternos e democracia*, publicado em 2018. [↑](#footnote-ref-4)
5. Michelle Perrot é uma historiadora e professora emérita da Universidade Paris VII, universidade para qual mudou nos anos 1970 sob o impacto de 1968, após ter lecionado na Sorbonne, França. Em 2009 ganhou o Prémio Femina de Ensaio [↑](#footnote-ref-5)
6. Lélia Gonzalez foi uma intelectual, autora, ativista, professora, filósofa e antropóloga brasileira. É uma referência nos estudos e debates de gênero, raça e classe no Brasil, América Latina e pelo mundo, sendo considerada uma das principais autoras do feminismo negro no país. [↑](#footnote-ref-6)
7. Considerada a primeira travesti do Brasil, Xica Manicongo foi uma pessoa escravizada que viveu em Salvador e trabalhou como sapateira na Cidade Baixa, segundo registros de documentos oficiais arquivados em Lisboa, Portugal. Seu sobrenome, Manicongo, era um título utilizado pelos governantes no Reino do Congo para se referir aos seus senhores e a suas divindades. [↑](#footnote-ref-7)
8. Viviane Vergueiro é pesquisadora no Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades (NuCuS-UFBA), doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos (PPGNEIM-UFBA), e integrante do coletivo *De Transs pra Frente*. msvivianev@gmail.com [↑](#footnote-ref-8)
9. Indira Nascimento, nascida em 1990, é formada em Jornalismo, começou a carreira na comunicação, como [repórter](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rep%C3%B3rter), e só depois migrou para a vida artística, onde passou a atuar em peças de teatro em 2014. Suas primeiras aparições foram em curtas-metragens como *Goods*, *Olho Nu* e *De Jangada, a Maresia*. Em 2019, entrou para o elenco recorrente da [Netflix](https://pt.wikipedia.org/wiki/Netflix), como Regiane, e gravou uma participação na série [*Rotas de Ódio*](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rotas_do_%C3%93dio). Em 2020, gravou o filme [franco-brasileiro](https://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o_francesa_no_Brasil) [*Cidade Pássaro*](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_P%C3%A1ssaro), exibido no [Festival Internacional de Berlim](https://pt.wikipedia.org/wiki/Festival_Internacional_de_Cinema_de_Berlim).[[4]](https://pt.wikipedia.org/wiki/Indira_Nascimento#cite_note-4) Também se tornou apresentadora do canal *Like*, da [Claro TV+](https://pt.wikipedia.org/wiki/Claro_TV%2B_(Brasil)), ao lado de [Hugo Bonemer](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hugo_Bonemer), [Maytê Piragibe](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mayt%C3%AA_Piragibe) e Anne Braune.[[5]](https://pt.wikipedia.org/wiki/Indira_Nascimento#cite_note-5) Em 2021, Indira entrou para o elenco da série [*Os Ausentes*](https://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Ausentes), do [HBO Max](https://pt.wikipedia.org/wiki/HBO_Max).[[6]](https://pt.wikipedia.org/wiki/Indira_Nascimento#cite_note-6)No mesmo ano, Indira estreou nas telenovelas ao interpretar à aspirante a escritora Janine Jardim em [*Um Lugar ao Sol*](https://pt.wikipedia.org/wiki/Um_Lugar_ao_Sol_(telenovela)), estreando na Rede Globo, representando uma mulher humilde com o sonho de ser escritora, porém sofre com as humilhações e armações da antagonista Bárbara. Com a boa repercussão da personagem, um ano depois, Indira foi escalada para interpretar a advogada Laís Monteiro em [*Travessia*](https://pt.wikipedia.org/wiki/Travessia_(telenovela)), sócia de um escritório de advocacia. Ainda em 2022, Indira gravou o drama psicológico *Tinnitus*, [*Medida Provisória*](https://pt.wikipedia.org/wiki/Medida_Provis%C3%B3ria_(filme)), dirigido por [Lázaro Ramos](https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A1zaro_Ramos) e estrelado por [Taís Araújo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ta%C3%ADs_Ara%C3%BAjo) e [Seu Jorge](https://pt.wikipedia.org/wiki/Seu_Jorge). [↑](#footnote-ref-9)
10. # Rapper, Cantora, Compositora e Streaming

    [↑](#footnote-ref-10)
11. A professora Marta Rovai esteve na Unespar, neste momento, compondo uma banca de concurso docente para História Pública junto com os professores Frank Mezzomo e Ricardo Marques, a quem se refere. [↑](#footnote-ref-11)
12. Nascido em 1957, Joseph-Achille Mbembe, mais conhecido como Achille Mbembe, é um filósofo, cientista político, historiador, intelectual e professor universitário camaronês [↑](#footnote-ref-12)
13. Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense, indicada a publicação da tese, incorporando algumas das sugestões apresentadas". Mestre em Política Social pela UFF (2006). Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988). Suas áreas de interesse são: relações de poder, representação social, dominação simbólica, processos de estigmatização, história da sexualidade, relações de gênero, campo judicial, direito, direitos humanos, camadas populares, memória, homossexualidades, homofobia, história do movimento homossexual brasileiro, proteção social, sociabilidades, territórios, expressões culturais. [↑](#footnote-ref-13)
14. Nancy Fraser é uma filósofa afiliada à escola de pensamento conhecida como teoria crítica. Estudou Filosofia na Universidade da Cidade de New York. É titular da cátedra Henry A. and Louise Loeb de Ciências Políticas e Sociais da New School University, também em Nova York. Tem influência de J Habermas, Michel Foucault, Richard J Bernstein. [↑](#footnote-ref-14)
15. Falecida em 1975, Hannah Arendt foi uma filósofa política alemã de origem judaica, uma das mais influentes do século XX. A privação de direitos e perseguição de pessoas de origem judaica ocorrida na Alemanha a partir de 1933, assim como o seu breve encarceramento nesse mesmo ano, forçaram Arendt a emigrar [↑](#footnote-ref-15)
16. Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo pseudônimo Bell Hooks, foi uma autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense. Hooks publicou mais de trinta livros e numerosos artigos acadêmicos, apareceu em vários filmes e documentários, e participou de várias palestras públicas. Falecida em 2021 [↑](#footnote-ref-16)
17. José Carlos Sebe B. Meihy é professor titular aposentado do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP) e coordenador do Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP). É um dos introdutores da moderna História Oral no Brasil. [↑](#footnote-ref-17)
18. Michael H Frisch é professor sênior, pesquisador emérito do Departamento de História da Faculdade de Artes e Ciências da Universidade de Bufallo, nos Estados Unidos. [↑](#footnote-ref-18)
19. Neste momento, a professora Marta Rovai está trocando os slides, apresentando as pessoas que fazem parte de seu projeto de pesquisa na universidade, o de escrever a história do Movimento LGBTQIA+ feminino de Alfenas publicando um livro. [↑](#footnote-ref-19)